

OS MÚLTIPLOS PEDAÇOS DE UM CLUBE DE BAIRRO¹

Bruna Brogni da Silva,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

Marco Paulo Stigger,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

Raquel da Silveira,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

RESUMO

Este estudo se dispôs a compreender como um clube de bairro, a ASTTI, produz espaços que acionam vínculos entre seus associados, fazendo com que eles vivenciem diferentes formas e experiências de lazer. Nos apoiamos nos saberes etnográficos e em suas ferramentas de pesquisa. O que permitiu interpretar que a ASTTI funciona como um lugar de quebra das rotinas, em que pese os comportamentos destoantes das relações frágeis, funcionando como um espaço de criação de vínculos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade; Vínculos sociais; Lazer.

APROXIMAÇÕES INICIAIS

Inegavelmente nos dias de hoje existe uma ampla gama de possibilidades para vivenciar experiências de lazer. Partindo dessa perspectiva e da importância central do lazer em nossa vidas (STTIGER, 2009), desenvolvemos um estudo num clube de bairro de Porto Alegre/RS. O objetivo foi compreender como lá eram produzidos os espaços que movimentam vínculos entre seus associados, fazendo com que eles vivenciem a instituição de diferentes formas e experiências em seus momentos de lazer².

Organizações com caráter de clube no Brasil não são recentes, datam do início do século XIX (MEZZADRI, 2000) e precisaram ao longo dos anos se adaptar as mudanças da sociedade, principalmente, frente a concorrência com os meios eletrônicos e às inúmeras oportunidades de lazer existentes na sociedade. Dentre as opções que compõem uma enorme

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Este trabalho é parte da dissertação de mestrado desenvolvida pela primeira autora, a qual também foi a responsável pela pesquisa de campo (ver Brogni, 2021).

lista de possibilidades encontram-se os *shoppings*, os cinemas, os teatros, as praças e os parques públicos e privados, porém os clubes ainda são uma boa opção para desfrutar o tempo de lazer (CAPI, 2006).

Outros autores fazem apontamentos na mesma direção, evidenciando a dimensão da relevância dessas entidades, como no caso do Sesc (Serviço Social do Comércio), do SESI (Serviço Social da Indústria) e da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil) que pode ser considerada uma das maiores redes de clubes associativos concentrada em uma instituição em todo mundo (BRAMANTE, 1999). Estudos como esses interpretam que essas entidades são relevantes à sociedade como importantes espaços de lazer.

Compreendida a importância desses espaços de lazer na sociedade destacamos que o clube é o espaço onde as características associativas são fortalecidas, ofertando aos seus membros relações caracterizadas pelo convívio social frequente percebido no relacionamento pessoal entre os associados. A partir daqui direcionaremos o olhar para a instituição estudada.

A Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI) completou seu 40º aniversário em 2020 e ao longo desses anos construiu sua trajetória e carrega narrativas e significados particulares. Localizada em um bairro periférico da capital gaúcha e próxima de grandes avenidas da cidade, a ASTTI conta com 38 mil metros quadrados de área construída, mas também de mata nativa. Conta com cerca de seis mil associados, dos quais se dividem em titulares e dependentes, categorizados entre patrimoniais e contribuintes³. Como outras instituições similares, dispõe de piscinas, salões de festas, quadra poliesportiva e churrasqueiras, além de atividades destinadas aos seus associados, como festas e aulas direcionadas a práticas esportivas (natação, hidroginástica, futsal, funcional e dança).

FERRAMENTAS METODOLÓGICAS

Atentos a complexidade e multiplicidade de um clube optamos pela etnografia para desenvolver a pesquisa, ao passo que ela se dispõe a proporcionar um fazer artesanal (ROCHA; ECKERT, 2013) e está pautada pelas vivências dos pesquisadores (CLIFFORD,

³ A grande diferença entre essas duas categorias se refere ao direitos de voz, de votar e de ser votado. Ao passo que apenas os associados patrimoniais têm esses e os contribuintes não.

2008). Optamos por ferramentas de pesquisa propostas por esses e outros autores, como: a observação participante e posterior escrita dos diários de campo, a realização de entrevistas, a análise de documentos e por fim a exploração das redes sociais. O período desse trabalho de campo foi de maio de 2019 a março de 2020. Essas técnicas nos auxiliaram na construção dos dados, que só puderam ser elaborados através de “um olhar *distanciado*, indispensável para ampliar os horizontes da análise e complementar a perspectiva *de perto e de dentro*” (MAGNANI, 2002, p. 11). Esse olhar “de perto e dentro” sugere a ideia de descrição, bem como de reflexão sobre o campo estudado e de seus sujeitos.

REDE DE RELAÇÕES

Inseridos em uma sociedade bastante dependente da tecnologia e fazendo uso dela para o trabalho, para a comunicação, mas também para uso de redes sociais e dos jogos eletrônicos, identificamos no clube situações que escapam em partes dessa realidade. Como na cena descrita abaixo:

[...] havia poucas pessoas fazendo uso de seus celulares ou outros eletrônicos, a maioria estando acompanhada de alguém conversando ou mexia de forma breve no celular e o guardava novamente (Trecho do Diário de Campo, 15/01/2020).

Cientes de quão inesperada/incomum essa cena é, frente aos hábitos modernos, nos propomos a compreender o que leva os associados a apresentarem tal comportamento que se distancia do que o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) propôs sobre os comportamentos presentes na sociedade quando lançou a ideia de relações líquidas, sugerindo que vivemos em uma sociedade mutável e imprevisível. Seguindo nessa proposta o autor coloca que as relações apresentam-se mais flexíveis e conseqüentemente tecidas e desmanchadas com facilidade, levando as relações a não se manterem a longo prazo. Com a evolução das tecnologias e com o advento de celular, para Bauman é como se sempre estivéssemos dentro, não existindo o longe e o perto, o que acaba resultando no afastamento de quem está conectado, partindo da interpretação aos olhos do sociólogo.

Partindo dos apontamentos do autor não é necessário um grande esforço para imaginar ou mesmo relembrar uma situação que tenhamos vivenciado onde a tecnologia prevaleceu

sobre a presença. Entretanto, em nossas observações foi possível identificar um comportamento que se afasta dessa noção de relações frágeis e instáveis. Por lá percebemos a união das pessoas, próximas fisicamente e mantendo diálogos, o que transmite a impressão de que ali existe uma quebra desse distanciamento e as pessoas usufruem do clube como um ponto de encontro. O que não quer dizer que essa aproximação e interação ocorra por todo o tempo que lá permanecem, já que desligar do universo virtual é algo raro na atualidade, nem mesmo que isso ocorre com todos os associados.

Entendemos que naquele espaço as pessoas se organizam para estarem agrupadas com seus pares, ficando próximas umas das outras. Ao longo das observações foram muitos os momentos que pudemos presenciar essas situações:

A confraternização, o diálogo, as altas risadas e a dedicação com as pessoas que estão juntas é algo que chama minha atenção, já que está tão comum ver as pessoas sempre conectadas e fazendo uso constante de seus smartphones (Trecho do Diário de Campo, 18/01/2020).

Esse comportamento destoante – com as devidas ressalvas e exceções – das relações mais fluídas propostas por Bauman pode estar pautado pela ideia de que a ASTTI representa aos seus associados um lugar onde ocorre a fuga da rotina e das obrigações, representando nessa perspectiva o momento de lazer daqueles que ali se encontram. O que acaba por refletir em uma conduta divergente daquela adotada nas situações cotidianas e que exigem a conectividade da modernidade líquida, como apontado pelo autor.

Em três momentos distintos as frases a seguir foram proferidas por diferentes associados da ASTTI e nos levaram a refletir sobre como os vínculos lá desenvolvidos são importantes nas vidas desses associados:

Eu vim aqui para fazer amigos (Diário de Campo, 30/07/2019).

Dentre as inúmeras frases proferidas pelo Associado C ao longo da conversa de tom animado, uma vem chamando minha atenção há algum tempo, não sendo essa a primeira vez que ele fala algo nessa perspectiva, e cada vez mais enfática quando diz: ‘o que importa é isso’ (Diário de Campo, 15/06/2019).

Pesquisadora: Então tu acha que o clube também é um espaço para encontrar pessoas conhecidas, amigos?

Associada D: Sim, ali é o lugar ideal para fazer amigos, as pessoas que estão ali geralmente estão com a mesma finalidade do lazer (Entrevista realizada, 23/04/2020).

Essas ideias nos conduziram ao entendimento de que a ASTTI proporciona aos seus sócios um ambiente propício à criação de laços, mas que isso não garante que todos seus associados os desenvolvam. Esses diferentes usos do clube – com ou sem desenvolvimento de laços – aliado as sugestões de Bauman direcionaram nossos olhares ao estudo de Magnani (1984) em um bairro periférico de São Paulo. Por lá o autor pode identificar e construir uma noção acerca das relações existentes entre os moradores daquele bairro, que ele denominou de “pedaço” (1984, p. 122).

Enquanto Magnani identificou o bairro Três Corações (SP) como um pedaço que dava conta de compreender as relação que lá haviam, na ASTTI acessamos conceito a fim de interpretar suas múltiplas existências. Levando em consideração, que existem sócios que usam o clube de forma bastante específica, como fazer sua aula de alguma atividade física e ir embora, não estando inseridos no que Magnani (2002) interpretou como ‘pedaço’, visto que não desenvolveram laços e vínculos sociais. Ao passo que outros associados desfrutaram dos espaços físicos da ASTTI e pertencem a mais de um ‘pedaço’, desenvolvendo vínculos com outros tantos sócios.

Embora a ASTTI proporcione aos seus sócios o desenvolvimento de relações de sociabilidade, cada um definirá qual o grau de vínculos que será estabelecido com a entidade e com outros sócios. Partindo dos conceitos apresentados e dos dados empíricos entendemos que a noção de ‘pedaço’ proposta por Magnani auxilia a pensar a ASTTI, apresenta-se com uma categoria analítica para compreender como ocorrem as relações por lá. A partir dessa noção, entendemos que nem todos os associados desenvolveram relações que podemos interpretar como ‘pedaço’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi nas observações realizadas, principalmente, na área das piscinas externas que nos deparamos com a noção de que a ASTTI funciona como uma fuga das rotinas aos seus associados. Esse entendimento foi se fortificando conforme as idas a campo transcorriam e consecutivamente encontramos os sócios afastados de seus *smartphones* e conectados com os outros sócios. Quanto à manutenção de relações – com ressalvas àqueles que não seguem essa ideia – o clube opera como um lugar onde as pessoas fogem de suas rotinas e obrigações em busca de seu momento de lazer e possibilita o estabelecimento de vínculos.

THE MULTIPLE PIECES OF A NEIGHBORHOOD CLUB

ABSTRACT

This study set out to understand how a neighborhood club, ASTTI, produces spaces that trigger bonds between its members, making them experience different forms and experiences of leisure. We rely on ethnographic knowledge and its research tools. This allowed us to interpret that ASTTI works as a place for breaking routines, despite the behaviors that conflict with fragile relationships, functioning as a space for creating bonds.

KEYWORDS: *Sociability; Social bonds; Leisure.*

LAS MÚLTIPLES PIEZAS DE UN CLUB DE VECINDARIO

RESUMEN

Este estudio se propuso comprender cómo un club de barrio, ASTTI, produce espacios que desencadenan vínculos entre sus miembros, haciéndoles vivir diferentes formas y experiencias de ocio. Nos apoyamos en el conocimiento etnográfico y sus herramientas de investigación. Esto nos permitió interpretar que ASTTI funciona como un lugar para romper rutinas, a pesar de los comportamientos que entran en conflicto con las relaciones frágiles, funcionando como un espacio para crear vínculos.

PALABRAS CLAVE: *Sociabilidad; Lazos sociales; Ocio.*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 220 p.

BRAMANTE, A. C. A administração do lazer nos clubes social-recreativos: perpetuando os vícios do setor público. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p.59-73, 1999.

BROGNI, B. S. “**Um lugar para fazer amigos**”: relações de associativismo e vivências de lazer num clube de bairro. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CAPI, A. H. C. **Lazer e Esporte nos Clubes Social-Recreativos de Araraquara**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

CLIFFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 18-58.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 198 p.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.1-34, jun. 2002.

MEZZADRI, F. M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná**: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. 2000. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia ‘da’ e ‘na’ cidade, saberes e práticas. In: ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Antropologia ‘da’ e ‘na’ cidade**: interpretações saber as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. p. 53-80.

STIGGER, M. P. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p.73-88, jan. 2009.